

MUNDO PÓS-MODERNO: NOTAS PARA DISCUSSÃO E REGISTROS HISTÓRICOS*

L.A.COSTA PINTO **

Para Herbert Blumer (1900-1987), *in memoriam*. Para Tristan Luiz (nascido em 1979) e Luiz Guilherme (nascido em 1992) e para todas minhas netas e todos meus netos; estou certo de que se e quanto eles deixarem florescer suas potencialidades, eles trarão mais luz para o futuro.

O tempo flui continuamente. Foi o *homo sapiens*, a mais ativa, criativa e efetiva de todas as espécies, que enquadrou o tempo, dividiu-o e subdividiu-o para seus propósitos e deu nomes para cada parcela do tempo, inventados em seu interesse – segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos e séculos. Todavia, o tempo é um e único. Suas divisões e subdivisões são criações humanas, pontos da inteligência, diligência e imaginação humanas. Essas parcelas de tempo foram criadas para atender a necessidades práticas, para organi-

* Trabalho apresentado no 14º Congresso Mundial de Sociologia (Montreal, 1998) para celebrar o 50º aniversário da Associação Sociológica Internacional. Traduzido do inglês por Jorge Miglioli, que aproveita a oportunidade para expressar seu apreço ao autor deste artigo, seu ex-professor na antiga Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro.

** Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudos de Sociologia

zar a vida cotidiana de homens e mulheres e para enfrentar e resolver problemas reais de sobrevivência.

Isto é o que nos permite dizer hoje que em breve estaremos entrando no século 21. É evidente – e compreensível – o sentimento generalizado de que estamos vivendo num momento crucial da história. Não é difícil identificar outros momentos semelhantes no passado. Em minha opinião, porém, o que torna mais singular o momento presente é que jamais, antes, estivemos tão habilitados – pelo menos potencialmente – para analisar esse ponto de passagem, para entendê-lo e para dirigi-lo – e para moldar o futuro com ações intencionais orientadas por idéias inteligentes. Em outras palavras, para formar o mundo pós-moderno de acordo com nossa escolha ajuizada de alternativas, com nossa determinação; para torná-lo melhor do que o mundo de antes.

Faz quase quarenta anos que usei pela primeira vez a expressão “mundo pós-moderno”.

Quando terminei meu período de professor visitante na Universidade da Califórnia em Berkeley, recebi um convite da Universidade de Buenos Aires para lá estar também como professor visitante, com dois encargos: 1) dar um curso de Sociologia sistemática, o que fiz (tendo 386 estudantes em classe, oito professores assistentes e nove gravadores de som em minha mesa de aula); 2) deslanchar um projeto de pesquisa cujo objeto seria uma análise comparativa do processo de mudança social nas sociedades nacionais da Argentina e do Brasil, ambas em processo de transição acelerada.

Minhas atividades como professor e pesquisador foram mantidas por uma bolsa dada pelo Departamento de Sociologia da Fundação Rockefeller. Com um carro, um motorista e um assistente de pesquisa selecionado entre diversos candidatos, viajei a diferentes províncias da Argentina, como parte de meu trabalho de campo, e fiz uma pesquisa acurada nos Arquivos Nacionais desse país. O então chefe do Departamento de Sociologia daquela universidade, promovendo e apoiando o trabalho como um todo, era meu bom amigo e

L. A. Costa Pinto

colega Gino Germani, que faleceu anos depois como professor da Universidade de Harvard.

Ele me pediu, iniciando o projeto de pesquisa, para preparar um primeiro documento indicando seus propósitos e metas, a hipótese básica do trabalho etc. Nesse documento, escrito nos últimos dias de 1964, afirmei que a estrutura da sociedade internacional, criada pela chamada Revolução Industrial, estava num visível e rápido processo de exaustão. A humanidade como um todo vivia o fim de uma época e enfrentava problemas cada vez mais complexos gerados pela emergência de um “mundo pós-moderno”. Nessa transição, cada sociedade nacional apresenta fatos e fatores específicos de cada uma e outros que são semelhantes em todas elas, como membros e participantes da estrutura social mundial e da ordem social da idade moderna, e como atores, em diferentes papéis, do drama de seu declínio.

Não quero repetir aqui o que já foi dito, por mim e muitos outros, muitas vezes e de diferentes modos, acerca da grande transição que é a característica essencial de nosso tempo.

Mais pertinente agora, parece-me, é observar, analisar e criticar o conjunto de visões confusas, céticas, pessimistas e negativas do futuro, as quais, infelizmente, muita gente está formando, nutrindo e divulgando a respeito do mundo pós-moderno. É um tipo particular de alienação, gerado pela transição, que merece a mais séria atenção dos sociólogos.

Por motivos óbvios, o assunto é bastante suculento. Candidatos a cargos políticos se apresentam como “uma ponte para o século 21”; agências de propaganda fazem manipulações; em suma, das relações internacionais às histórias em quadrinhos dos jornais diários, o próximo século se tornou um assunto da moda.

Qualquer pessoa que queira fazer uma análise de conteúdo dos livros, filmes de propaganda, imprensa, shows de televisão e de outros meios de comunicação de massa, mesmo que superficialmente, notará que o futuro, o novo milênio, em suma o mundo pós-moderno é majoritariamente apre-

Estudos de Sociologia

sentado como uma sociedade violenta, algumas vezes como uma época brutal; os avanços tecnológicos são freqüentemente associados com sangue, violência e crime – todos contra todos.

Na cabeça de muitas pessoas imagina-se que o futuro trará para a criminalidade todos os recursos de uma tecnologia avançada. Os *robots* se convertem em símbolos de um fantástico modo de vida, permitindo que os seres humanos disputem de mais tempo livre para se tornar “bandidos” e “bandidas”. Esse modo negativo de encarar o mundo pós-moderno também penetrou na literatura infantil e em todos os aparatos de diversão para crianças.

Não faz muito tempo perguntei a uma amiga, mãe de um garoto de dez anos, o que seu filho gostaria de ser quando adulto. Ela respondeu que ele tinha decidido ser um antropólogo. Perguntei por quê e ela retrucou: “De fato, seu verdadeiro interesse é por dinossauros e, como os antropólogos estão estudando coisas primitivas, eles devem saber sobre os dinossauros”. Não apenas na cabeça das crianças encontramos essas noções infantis.

Os dinossauros estão agora na ordem do dia. Deixando de lado o filme “Jurassic Park” (“O parque dos dinossauros”) e “Barney” – o desenho de TV para crianças –, o fato é que os dinossauros estão sempre presentes na literatura e em todos os instrumentos de diversão para crianças. Muitas vezes essa estranha descarga de heroísmo também está associada com seres mitológicos do passado, como Hércules, as Amazonas e outros. Aparentemente, os dinossauros estão lutando para tomar o lugar dos ursinhos de brinquedo.

Esse modo deformado e um tanto ingênuo de pensar sobre o que virá no próximo século também pode ser encontrado na letra de algumas músicas populares muito apreciadas especialmente pelos jovens. Um bom exemplo disso é a canção “Yesterday”, da banda inglesa Beatles, que foi um sucesso quando surgiu e onde se diz que “I believe in yesterday” (“acredito em ontem”).

L. A. Costa Pinto

A melodia da canção é agradável. Gosto dela. Mas, de minha parte, devo dizer que acredito no amanhã, não no ontem. Definitivamente, como Hegel disse anos atrás, podemos interpretar o passado de diferentes maneiras; o que não podemos é mudá-lo. Ernest Gellner expressou essa mesma idéia com outras palavras: “Podemos encarar as sociedades tradicionais com nostalgia ou desgosto; ficar encantados por sua beleza ou revoltados por sua crueldade. Não importa. Elas não mais apresentam uma alternativa válida”.

Concordando inteiramente com essas afirmações, creio que o mundo pós-moderno está sendo criado *agora*. Ele está sendo moldado durante esta transição às vezes dolorosa mas certamente esperançosa, que é a principal característica de nosso tempo. Como todas as transições, a de agora é necessariamente ambivalente, visto que os remanescentes do passado nela coexistem com as sementes do futuro. Em minha opinião, a ambivalência da atual transição é amplamente responsável pelo estilo nervoso, quase histérico, que caracteriza nossos dias. Ele se torna mesmo atrativo e na moda para um grande número de pessoas.

Quando observamos, por exemplo, alguns shows musicais, constatamos que seus participantes usam roupas, maquiagens e penteados extravagantes, às vezes dando a impressão de que amam a feiúra e a sujeira. Gritam mais do que cantam ou tocam. O público ouve mais barulho do que melodia. Pulam, correm e rolam no palco, e tudo isso combina muito bem com o comportamento delirante dos expectadores que os aplaudem loucamente.

Em minha opinião, o que a transição está exigindo e esperando de nós são ações e obras racionais, inteligentes e intencionais, inspiradas e guiadas e estimuladas por idéias claras e responsáveis a respeito das potencialidades e possibilidades de moldar um mundo pós-moderno que seja mais justo e menos desigual, mais saudável e menos histérico, mais racional e menos tolo.

Estudos de Sociologia

Para muitas pessoas a inteligência é teórica, abstrata, distante e retórica, enquanto a eficiência é prática, empírica e efetiva. Em sua opinião e em seu modo de agir, há um profundo hiato, uma grande distância separando a inteligência e a eficiência. Para essas pessoas, seus objetivos e metas são diferentes.

Na base deste enorme erro está a falta de entendimento de que os avanços tecnológicos, que estão sempre multiplicando a eficiência humana, são um produto da inteligência humana, uma criação da mente humana, o mais eficiente engenho de todos.

Neste período de transição do mundo moderno para o pós-moderno, é importante manter a postura científica objetiva, racional, para analisar, entender e mudar para melhor os padrões de relações entre os seres humanos e entre estes e as coisas. É um período crítico, similar em muitos aspectos ao período em que, passando da erudição à ciência, a Sociologia emergiu como uma disciplina científica.

Hans Freyer escreveu que a Sociologia foi a tomada de consciência de uma época de crise. A crise da qual nasceu a Sociologia foi a da transição do mundo pré-moderno para o moderno. Hoje, na transição crítica do mundo moderno para o pós-moderno, aparece, ou reaparece, a aguda necessidade da análise científica da sociedade humana, levando à criação, ou invenção, de novas formas e padrões de coexistência e cooperação dos seres humanos entre si e com seu meio. Somente a razão, não a superstição de qualquer tipo, é capaz de realizar essa tarefa.

Não acredito que seja possível haver uma sociedade sem problemas. Acontece que nem todos os problemas sociais são ruins; também há bons problemas sociais que surgem do contínuo processo de mudança social, desafiando a criatividade humana a enfrentá-los e a resolvê-los.

É comum encontrar afirmações indicando que algumas partes da sociedade internacional contemporânea devem ser vistas como modelos do que será o mundo pós-moderno. Eu

L. A. Costa Pinto

gostaria que as pessoas que adotam essa visão estivessem mais conscientes de que – como C. Wright Mills afirmou – as sociedades desenvolvidas ou superdesenvolvidas não são necessariamente bem desenvolvidas. Muitas vezes, analisadas em profundidade, elas oferecem modelos a serem evitados, mais do que seguidos. Racismo e guerra, como padrões de relações entre pessoas e grupos, são exemplos de características tristes e negativas do mundo moderno, que não devem ter lugar num mundo pós-moderno mais humano. Para atingir este objetivo, é importante usar os erros passados como experiências e evitar sua repetição, pondo em prática a antiga advertência latina: *Non bis in idem*.

É óbvio que, ao lidar com esse assunto, é impossível evitar a opção por certos valores. Em minha opinião, esses valores devem ser declarados explicitamente. Não acredito em ciência desprovida de valores. A própria ciência é um valor quando comparada com qualquer tipo de crença. Concorro inteiramente com o que foi dito pelo falecido Gunar Myrdal quando abriu o Congresso Britânico de Sociologia no começo da década de 1950: “A ciência é crítica; as ciências sociais implicam a crítica da sociedade”.

Acho que isto se aplica à Sociologia melhor do que a qualquer outra disciplina da vasta família das Ciências Sociais. Cada uma delas estuda uma árvore, a Sociologia estuda a floresta.

É fácil constatar que o modo negativo e cético de ver o mundo pós-moderno está também presente nos níveis mais altos das obras literárias, além de nas letras das canções populares. Para isto basta lembrar como Orwell encarava 1984 e como Huxley apresentava o “bravo novo mundo” – a denominação que ele preferia para o mundo pós-moderno. No passado mais remoto, também podemos encontrar pessoas com imaginação excitada pela antecipação do que seria o futuro. Consideremos a imaginação de Leonardo da Vinci, as novelas de Jules Verne, *A história do futuro* do inglês H.G.Wells, ganhador do Prêmio Nobel – e veremos exemplos de como a

Estudos de Sociologia

tentativa de prever e antecipar “le dévenir” da sociedade foi, sempre e inevitavelmente, uma preocupação da mente humana.

A Sociologia, como uma permanente tomada de consciência da vida cotidiana dos seres humanos, é o resultado do constante empenho da mente humana em substituir crenças por verdades, a infundável substituição de fantasmas por coisas reais. A análise científica e a compreensão crítica da existência humana são uma ferramenta importante na luta permanente da humanidade para atingir a mais alta aspiração dos seres humanos: sua libertação, a superação de suas limitações, o desenvolvimento máximo de suas potencialidades para o benefício de todos.

Protestar contra os avanços tecnológicos seria, como já se disse, um “absurdo romântico”. A verdadeira necessidade é a de pôr-se à altura deles, é a de tornar eficiente a inteligência e inteligente a eficiência.

Vivendo um período de profunda transição que afeta a sociedade global, temos a privilegiada oportunidade de moldar o futuro com ações construtivas guiadas por idéias e ideais inteligentes.

Nossa herança para as gerações emergentes deve ser seu ponto de partida para fazer a história do futuro. Se formos capazes de fazer isso, elas poderão cumprir seu dever de ser melhores do que suas predecessoras.

Se o mundo passado foi a tese e o mundo moderno é a antítese, então o mundo pós-moderno deve ser a síntese, com a experiência humana sedimentada e refinada ao longo dos séculos.

A entrada do mundo pós-moderno faz de nosso tempo um tempo incomum. Exige objetivos e metas mais elevados, mais amplos e mais altos do que os usuais. Mas são alcançáveis. É de nossa responsabilidade alcançá-los.